

REFORMA PROTESTANTE E O PENSAMENTO FILOSÓFICO MODERNO

Jeverson Nascimento²⁷

RESUMO

O presente artigo contempla uma abordagem reflexiva acerca do pensamento moderno, uma análise resumida da vida e das obras de Rene Descartes que é considerado por muitos estudiosos o pai da filosofia moderna, estarão presentes no texto o pensamento filosófico moderno, o discurso do método, onde Rene expressou seu desapontamento com o saber de sua época. Descobriu-se que as obras de Rene formaram uma base sobre a qual os racionalistas desenvolveram seus trabalhos e formularam suas hipóteses. Analisa-se também o afastamento da teologia do prestígio da ciência, o impacto das ideias dos pensadores, esses pensamentos modernos foram capazes de influenciar até mesmo o mais alto escalão da academia, tal ação levou muitos acadêmicos ao afastamento da Teologia acadêmica e prática em sua época.

Palavras chaves: Reforma Protestante; Discurso do Método; Pensamento Cartesiano.

Abstract

This article considers a reflective approach about modern thought, a brief analysis of the life and works of Rene Descartes that is considered by many scholars the father of modern philosophy, will be present in the text the thought modern philosophical discourse of method, where Rene expressed your disappointment with the knowing of your time. Descobriu-the works of Rene formed a basis on which the rationalists have developed its work and formulated their chances. Analyzes the expulsion of the theology of the prestige of science, the impact of the ideas of thinkers, these modern thoughts were able to influence even the most auto step from the Academy, such action has led many scholars to the removal of theology academic and practice in your time.

Key words: Reformation; Speech of the method; Cartesian Thinking

²⁷ Mestre em Teologia pela Faculdades Batista do Paraná (2017). Atualmente é Doutorando em Teologia no PPGT - PUC - PR e Bolsista da CAPES. E-mail: prjeverson@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se de uma análise do pensamento moderno resumida na vida e nas obras de DESCARTES. O autor é considerado por muitos o pai da filosofia moderna, neste texto analisar-se-á o pensamento filosófico moderno, o discurso do método onde DESCARTES expressou seu desapontamento com o saber de sua época. Dando continuação é desenvolvida uma breve apresentação do então conhecido método cartesiano, demonstrando que tal método consiste em um ceticismo metodológico. Observa-se que as obras de DESCARTES formaram uma base sobre a qual os racionalistas desenvolveram seus trabalhos e formularam suas hipóteses.

Em seguida procura-se entender o afastamento da teologia do prestígio da ciência, para chegar-se a tal conclusão é feita uma análise de como o método científico de DESCARTES e o pensamento filosófico moderno foram capazes de influenciar a academia de tal forma que, acabou por levar os acadêmicos ao afastamento da Teologia.

Procura-se ainda demonstrar a importância da teologia como ciência, não eliminando os aspectos da fé, nem os aspectos práticos da teologia, tais aspectos para alguns autores, são elementos indispensáveis para se fazer teologia.

A intenção do trabalho é conduzir o leitor a reflexões sobre o tema, ampliando assim o horizonte para o surgimento de novas ideias, o diálogo é sobre um tema de importância histórica, sua relevância neste exato momento se dará pelas comemorações dos 500 anos da Reforma Protestante, acredita-se ser esse o momento propício para dialogar sobre esse tema.

A metodologia utilizada na produção do texto foi leitura, interpretação de livros, periódicos e artigos. Cada texto foi selecionado cuidadosamente, com o intuito de contribuir com o tema já mencionado. Cada tópico foi produzido com a

intenção de cativar o leitor a se aprofundar no assunto, esse aprofundamento poderá ter seu início durante a leitura deste trabalho, e continuar após a leitura do mesmo, pois não se pretende esgotar o assunto.

1. O PENSAMENTO FILOSÓFICO MODERNO

René Descartes, matemático e filósofo francês, considerado fundador da filosofia moderna e pai da matemática. DESCARTES tinha a saúde frágil, e era cuidado por sua avó. Entrou no colégio Jesuíta de Le Flèche, nesse estabelecimento Descartes teve formação filosófica e científica, aprendeu a filosofia pelo método escolástico. O que mais agradava a Descartes era a matemática, por dar respostas exatas. Entrou para a Universidade de Pitiers, e se formou em direito. Como não ficou satisfeito com os conhecimentos adquiridos, resolveu entrar para o exército. Fez então uma forte amizade com um entusiasta da Física e da Matemática, Isaac Beckman, jovem médico holandês. Após ter se alistado no exército em 1617, Descartes descobriu que tinha talento para matemática, de modo que ele passou a maior parte de seus anos militares estudando matemática pura, principalmente geometria analítica. Descartes tinha um projeto filosófico cada vez mais ligado na matemática, queria associar as leis numéricas com as leis do mundo, resgatando a antiga doutrina pitagórica. Sua principal teoria afirmava-se na eficácia da razão. Queria refletir sobre a questão da autonomia da ciência e objetividade da razão frente ao Deus todo poderoso²⁸.

A chamada Idade da Razão surgiu para redefinir os padrões científicos e filosóficos já existentes. O então conhecido método cartesiano consiste no ceticismo metodológico, que nada tem a ver com a atitude cética: duvida-se de cada ideia que não seja clara e distinta. Ao contrário dos gregos antigos e dos escolásticos, que acreditavam que as coisas existem simplesmente porque

²⁸ STRATHERN, Paul. *Descartes em 90 minutos, Filósofos em 90 minutos*. RJ: Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1996.

"precisam" existir, ou porque assim. DESCARTES instituiu a dúvida: só se pode dizer que existe aquilo que puder ser provado, sendo o ato de duvidar indubitável. Baseado nisso, DESCARTES busca provar a existência do próprio eu (que duvida: portanto, é sujeito de algo. *Ego cogito ergo sum*, "eu que penso, logo existo").²⁹

DESCARTES, nesta declaração, logo descobre o homem como um ser racional por natureza, com a capacidade de alcançar o conhecimento e, mais que do isso, sua própria existência é definida pelo ato de pensar. As obras de DESCARTES formaram a base sobre a qual os racionalistas desenvolveram seus trabalhos e formularam suas hipóteses. As principais obras do filósofo são: Discurso sobre o método (1637) , Meditações sobre filosofia primeira (1641) , Princípios de filosofia (1644) , O homem, seu pensamento foi influenciado por: PLATÃO, PITÁGORAS, ARISTÓTELES, Sexto Empírico, PIRRO, AGOSTINHO, AQUINO, ANSELMO, OCKHAM, SANCHES, SUÁREZ, SCOTUS, MERSENNE, MONTAIGNE (1662) . Dessa forma percebe-se que os métodos de DESCARTES contrariavam o pensamento teológico da época, causando um enorme desconforto a igreja católica³⁰.

2. O DISCURSO DO MÉTODO

Em o Discurso do método, sua principal obra, DESCARTES expressou seu desapontamento com o saber de sua época. Grande parte daquilo em que ele acreditava se revelara falso. Questionando a influência teológica de sua época, o autor resolveu então, buscar somente o conhecimento que pudesse encontrar dentro de si mesmo ou na natureza. Empenhou-se em encontrar uma verdade

²⁹ DAMÁSIO, António R. *O Erro de Descartes: Emoção, Razão e o Cérebro Humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

³⁰ DESCARTES, René. " *Penso, logo existo in*: O livro da Filosofia. Tradução Rosemarie Ziegelmaier. São Paulo: Globo, 2011, p. 116-122.

irrefutável que servisse como princípio elementar do conhecimento. DESCARTES foi considerado o fundador da filosofia moderna por ter incentivado os indivíduos a questionarem todas as crenças tradicionais e por ter proclamado a *inviolável autonomia da mente*, sua habilidade e direito de compreender a verdade. Suas declarações conscientizaram as pessoas de sua capacidade de entender o mundo através de suas próprias faculdades mentais³¹.

Segundo DESCARTES a certeza somente poderá ser alcançada pela razão, e para se chegar a uma conclusão sobre qualquer hipótese é necessário a utilização de um método. Para tanto ele desenvolve o seu próprio método científico baseado em quatro regras clássicas que são:

- Não aceitar jamais como verdadeiro uma coisa que não se reconheça evidentemente como verdadeira, abolindo a precipitação, o preconceito e os juízos subjetivos (EVIDÊNCIA);
- O dividir as dificuldades em tantas partes quantas for possível e necessário para resolvê-las (ANÁLISE);
- O conduzir ordenadamente o pensamento, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer até culminar com os objetos mais complexos, em uma sequência natural de complexidade crescente (SÍNTESE);
- O realizar sempre discriminações e enumerações as mais completas e revisões as mais gerais, de forma a se ter certeza de nada haver sido omitido (ENUMERAÇÃO).

O método de DESCARTES tem influenciado até os dias de hoje, inúmeras pessoas. Desse modo, ele é proclamado pela comunidade científica e é chamado de o pai da ciência moderna, quem sabe, seja ele o responsável pelo afastamento da teologia do prestígio da ciência, mesmo tendo desenvolvido o método científico, ainda assim considerava a matemática como sendo caminho prático e seguro para se chegar ao conhecimento de diversas hipóteses. Para ele

³¹ BECERRA, Luiza. René Descartes e o método científico. Disponível em: <<http://parquedaciencia.blogspot.com.br/2013/03/rene-descartes-e-o-metodo-cientifico.html>>. Acesso em 09-05-2017.

aplicando o raciocínio matemático também aos problemas filosóficos, poder-se-ia alcançar a mesma certeza e clareza evidenciadas na geometria analítica. Tal afirmação foi publicada em seu livro “Discurso do método” em 1637 e sobre tal conhecimento destaca que:

Penso que é possível usar a palavra “conhecer” para referir-se a certas modalidades de apreensão que não são nem científicas, nem metodológicas, nem lógicas – como algum tipo de percepção intuitiva, por exemplo. Mas eu não chamaria isso de “conhecimento”, mas sim de conhecer³².

Para DESCARTES a utilização do método geométrico, matemático é importante e pode ser aplicado a tudo. Ele diz que as longas cadeias de raciocínios dos geômetras poderiam ser aplicadas a todas as coisas conhecíveis e que não havia nada de tão distante ou oculto que não pudesse ser revelado por meio delas³³. O pensamento do autor na obra “Discurso do Método” encadeia-se linearmente, indo de um ponto a outro como das premissas se vai à conclusão, o seu sistema filosófico, tal como o resumido em seu livro, pode ser também dividido em seis etapas: Primeiro, a dúvida universal como ponto de partida metodológico. Segundo, sua primeira certeza, ou o ponto arquimédico de sua filosofia, “Penso, logo existo”. Terceiro, sua antropologia, ou a resposta que deste à pergunta “o que sou”. Quarto, sua epistemologia, em especial o seu critério de veracidade: as ideias “claras e distintas”. Quinto, sua metafísica ou teologia filosófica: as provas da existência de Deus. Sexto, sua fundamentação filosófica das ciências: a prova da realidade do mundo físico³⁴.

Para HEDI, o "Discurso do Método" foi a obra em que DESCARTES lançou as bases do pensamento que viria modificar toda a história da filosofia.

³² PETER, Kreeft & MELATTI, Gabriel. *Socrates encontra Descartes*. São Paulo: Editora Vide Editorial, 2014, p. 73.

³³ PETER, 2014, p. 73-76.

³⁴ PETER, 2014, p. 73-76,

Alguns anos depois suas ideias foram retomadas nas "Meditações". O filósofo estava disposto a encontrar uma base sólida para servir de alicerce a todo conhecimento.³⁵

Segundo STRANTHERN, DESCARTES morreu de pneumonia em 11 de fevereiro de 1650, em Estocolmo, depois de dez dias doente, neste período O autor estava trabalhando como professor a convite da rainha Christina. Acostumado a permanecer na cama até meio-dia, sofreu muito com as demandas da rainha Christina, cujos estudos começavam às 5 da manhã. Como um católico num país protestante, ele foi enterrado num cemitério de crianças não batizadas, na Adolf Fredrikskyrkan, em Estocolmo. Em 1667, os restos mortais de DESCARTES foram repatriados para a França e enterrados na Abadia de Sainte-Geneviève de Paris. Um memorial construído no século XVIII permanece na igreja sueca. No mesmo ano, a Igreja Católica coloca os seus livros na lista proibida. Embora a Convenção, em 1792, tenha projetado a transferência do seu túmulo para o Panthéon, ao lado de outras grandes figuras da França, desde 1819, seu túmulo está na Igreja de Saint-Germain-des-Prés, em Paris. Em homenagem ao autor vila no vale do Loire onde ele nasceu foi renomeada La Haye-Descartes e, posteriormente, já no final do século XX, Descartes³⁶. Uma mente tão brilhante, com métodos que estão influenciando a academia até os dias de hoje, pode-se dizer que DESCARTES morreu prematuramente e que ainda tinha muito a contribuir com seus métodos, que ainda são considerados por muitos filósofos atuais como inacabados pode se dizer que sua filosofia nunca e seus métodos nunca morreram.

Mesmo a filosofia com todos os seus métodos filosóficos atuais poderá ser questionada como ciência, e também cair no descredito como afirma

³⁵ Heidi Strecker, Especial para Página 3 Pedagogia & Comunicação. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/rene-descartes-1-o-metodo-cartesiano-e-a-revolucao-na-historia-da-filosofia.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em 09-05-217.

³⁶ STRANTHERN, P. *Descartes em 90 minutos*. São Paulo: Editora, Jorge Zahar, 1997.

MAXWELL “não basta à filosofia constatar uma realidade, mas deve ir além, para encontrar a causa ou as causas através da razão. É justamente essa qualidade peculiar que garante ‘cientificidade’ à filosofia”.³⁷

3. O AFASTAMENTO DA TEOLOGIA DO PRESTÍGIO DA CIÊNCIA

O dilema entre a razão e a fé religiosa é um problema que envolve uma diversidade de diálogos filosóficos e teológicos que se desenvolveram ao longo dos anos. Nossa sociedade nomeia esse período de diálogos como antiguidade, idade média, modernidade e, de certa forma, a nossa contemporaneidade. De um modo mais específico, esses problemas concentraram-se no âmago da filosofia e teologia cristã durante a idade média não chegando a um consenso entre filosofia e teologia³⁸.

Para CAVALCANTE, outros pensadores medievais, como Duns Scotus (1266-1308) e Guilherme de Ockham (1285 – 1347), tentaram mostrar que não é possível conciliar “as verdades da fé” com as “verdades da razão”, uma vez que a filosofia e a ciência têm dificuldades para compreender a fé, conceitos sem provas físicas³⁹. Nesse sentido CAVALCANTE afirma que a crença em si é um estado mental cuja disposição é desejar ser verdadeira. As crenças sem demonstrações e provas não fazem parte do estudo da epistemologia tradicional e nem de uma teologia racional⁴⁰.

Com base em pensamentos assim, que não é possível conciliar “as verdades da fé” com as “verdades da razão” que no século XV surgiu o

³⁷ MAXWELL. Origem, história e descrédito - Maxwell - PUC-Rio. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10064/10064_3.PDF>. Acesso em 09-05-217.

³⁸ Religião e Ciência: *tensões, sincretismos e diálogos II*. Revista Nures | Ano XIV Número 34 | setembro-dezembro de 2016.

³⁹ Religião e Ciência: *tensões, sincretismos e diálogos II*. Revista Nures | Ano XIV Número 34 | setembro-dezembro de 2016..

⁴⁰ Religião e Ciência: *tensões, sincretismos e diálogos II*. Revista Nures | Ano XIV Número 34 | setembro-dezembro de 2016.

humanismo renascentista, na península itálica, em um período de transição entre a Idade Média e a Moderna. Nesse período rompeu-se com a filosofia, com a teologia cristã da escolástica medieval. Com esse rompimento, valoriza-se o saber dos gregos antigos abandonado a teologia da escolástica e retomando a concepção do humanismo. O período medieval, anterior, foi marcado por uma forte visão hierárquica e religiosa de mundo, em que a arte está voltada para o sagrado, nesse período a filosofia está vinculada à teologia e à problemática religiosa. Com o começo do afastamento da teologia do prestígio da ciência e da filosofia o homem e seus atributos de liberdade e razão passam a ser importantes novamente, e não mais apenas as questões do mundo divino. Nessa época nas artes predominam os temas pagãos, totalmente afastados da temática religiosa. É a arte voltada para o homem comum e simples, não mais a reis e santos. Surge então um período em que se valoriza o corpo físico e a dignidade humana.

Após o período chamado de Idade Média, há um período de transição entre o século XV e XVI para a Idade Moderna, que significou ruptura com a tradição cristã, tradição essa que era fundamentada em Deus, na teologia, nessa transição passou-se a valorizar mais o homem e deixar Deus de lado. É o período chamado pela ciência de Humanismo Renascentista: conhecido pelo destaque nas artes plásticas, valorização do homem, liberdade e criatividade. Esse é o momento do rompimento com visão do sagrado, bem como o rompimento da teológica na arte, no pensamento, na política, na literatura. Os pensadores desse período passam a valorizar o saber dos gregos antigos. Valoriza-se o homem e rompe-se com o pensamento teocêntrico (Deus como o centro de tudo) e a Ciência Antiga. É o momento de novos pensadores e artistas, tais como Leonardo da Vinci, William Shakespeare, Rafael, Maquiavel, Michelangelo, Montaigne entre outros. Essas transformações, na maneira de pensar e ver o mundo, são resultado de várias condições históricas no mundo europeu, entre elas pode-se destacar: O humanismo renascentista do século XV, A descoberta do Novo Mundo século

XV. A Reforma Protestante do século XVI, A revolução científica do século XVII⁴¹.

O afastamento da ciência da teologia tem seu auge durante os séculos XV e XVI, nesse período GALILEU (1564 d.c – 1642d.c) propõe a renovação da ciência de sua época abandonando a confiança na autoridade, no senso comum e na tradição. Na busca por uma ciência livre de tudo aquilo que a prende tanto na cultura como na teologia. Para ele os textos da tradição filosófica ou teológica não devem servir para responder as questões científicas. As questões científicas devem ser confirmadas ou refutadas através da experiência e da observação feitas diretamente sobre o objeto que está sendo examinado⁴².

Embora seja um defensor da ciência para GALILEU ciência e fé não interferem uma na outra, pois ambas trabalham em planos diferentes, para ele a fé trabalha e dialoga sobre um plano metafísico de mundo, enquanto que a ciência age sobre o mundo físico. Galileu faz a comparação de que no mundo existem dois livros com o objetivo de revelarem a mesma verdade, mas de forma diferente. O primeiro livro é a Bíblia que busca a salvação e a redenção das almas e cujos escritos científicos são simplificados e próprios para o entendimento do povo. A natureza é o segundo livro que para ser interpretado tem que ser lido de forma científica e objetiva. Os dois livros são obras de um único Autor e por isso mesmo não podem ser contraditórios⁴³. Sendo assim tanto a ciência como a fé devem ser interpretadas de formas diferentes.

4. TEOLOGIA COMO CIÊNCIA

⁴¹ OLIVEIRA, Paulo de Eduardo. *Filosofia e educação: aproximações e convergências*. Curitiba: Círculo de Estudos Bandeirantes, 2012.

⁴² MEDEIROS, Luciano de Frontino. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*. v. 2, n. 2, João Pessoa: 2017, p. 43-56.

⁴³ GALILEI, Galileu. *Ciência e fé*. Rio de Janeiro: Nova Stella Editorial, 1988, p.21.

A pergunta básica que não quer se calar ainda hoje é, a teologia é ciência? É a pergunta que ainda é feita constantemente nos círculos acadêmicos. Para SINNER, pergunta-se, conseqüentemente “a teologia tem lugar na academia, na comunidade científica, junto com as demais disciplinas, filosofia, a história, a sociologia, mas também a física, a biologia, a matemática?”⁴⁴

Um segundo questionamento precisa ser feito pois, há uma preocupação que permeia os alunos que buscam instituições teológicas no Brasil: fazendo teologia como ciência, de modo acadêmico, não se perde a fé? Ou como dizem nos jargões populares pentecostais, quem faz teologia acaba se desviando, se esfriando na fé? Este questionamento ainda hoje é legítimo e pertinente.

Já em 1972 a ideia de que a teologia seria uma ciência era negada tanto pela ciência, como também no âmbito da própria Teologia. Segundo BRANDT, as objeções levantadas contra a possibilidade de uma Teologia Científica', no âmbito da ciência, pressupõem as seguintes características de ciência:

A ciência deve ser “pura” e sem pressuposições. Não se exige apenas uma terminologia exata, mas também a independência de pressuposições “estranhas ao assunto”. Com isso, p. ex., exigência pelo relacionamento prático de uma ciência ou por sua aplicabilidade num campo concreto é tida como a científica. 2. Ciência só pode determinar aqueles objetos, aos quais qualquer homem sensato tem acesso. 3. Ciência ocupa-se exclusivamente com o reconhecimento de objetos intramundanos⁴⁵.

Para BRANDT, caso sejam estas as pressuposições de uma ciência, a Teologia não pode ser ciência, como também do mesmo modo as demais ciências já reconhecidas e destacadas a seguir não poderiam fazer parte da ciência atual:

⁴⁴ SINNER, Rudolf von. *Teologia como ciência*. Estudos Teológicos, v. 47, n. 2, p. 57-66, 2007.

⁴⁵ BRANDT, Hermann. *Por que teologia “científica”?* Estudos Teológicos, v. 12, n. 2, p. 94. São Leopoldo: 1972.

Todas as ciências que trabalham com línguas e história, com a interpretação de textos e acontecimentos anteriormente dados, e as, que, como a ciência jurídica (ou mesmo a medicina), são inimagináveis sem uma referência a uma realidade concreta, não seriam ciências puras no sentido do ideal da matemática pura, p. ex. O fato de a Teologia não pressupor apenas a razão, mas também a fé, em termos gerais significa: ela não é possível sem uma atitude específica frente a seu objeto. Também isto não se restringe apenas à Teologia, porém, da mesma maneira, p. ex., ao âmbito total da arte (ciência musical, ciência teatral, etc.)⁴⁶.

Desta forma pressupõe-se que, se a teologia não pode ser tratada como ciência as demais disciplinas já mencionadas por BRANDT, disciplinas essas não baseadas na terminologia da matemática também não deveriam ter seu reconhecimento como ciência. Na demonstração do que poderia ser chamado de ciência PLATINGA tenta mostrar quais critérios poderiam identificar algo como ciência então parte afirmando que:

Talvez, o melhor que possamos fazer, em caracterizar algo como científico, é dizer que o termo “ciência” aplica-se a uma atividade que é (1) um empreendimento sistemático e disciplinado objetivando encontrar verdade sobre o mundo e (2) tenha um envolvimento empírico significativo. Isso, é claro, é muito vago (Quão sistemático? Quão disciplinado? Quanto envolvimento empírico?) e talvez, indevidamente permissivo. (Astrologia seria contada como ciência mesmo se fosse apenas uma ciência ruim?) Ainda, temos muitos excelentes exemplos de ciência e excelentes exemplos de não ciência⁴⁷.

Nesse sentido PLATINGA reconhece que mesmo propondo estes critérios ainda assim não se poderia ter uma definição concreta do que realmente é ciência. A princípio, quando comparada com as demais ciências, a teologia parece

⁴⁶ BRANDT. 1972, p. 94-95,

⁴⁷ PLANTINGA, Alvin. *Religion and Science*, Stanford Encyclopedia of Philosophy, 2007.

inadequada e incoerente. Entretanto, percebe-se que cada ciência possui suas próprias especificidades, métodos, objetos de estudo e pressupostos. Portanto isso não é diferente para a teologia e é com base em uma análise destes elementos: “características próprias da teologia”, a partir destes é que a ciência teológica deve ser delineada⁴⁸. Pode-se dizer por exemplo que a filosofia, não tem elementos empíricos para certificar que alguma proposta sua seja de fato verdadeira, todavia, ninguém trata filosofia como incoerente ou como uma não ciência ou desprovida de valor.

O Prof. Dr. Côn. Antonio Manzatto afirma que “desde os tempos de Santo Anselmo, a teologia foi configurada como *"fides quaerens intellectum"*. Há, portanto, uma clara referência à racionalidade na elaboração da teologia, de onde deriva a afirmação de sua cientificidade⁴⁹.

Porém, a elaboração a teologia tem o seu começo com o *"auditus fidei"*, a escuta da fé que precede o *"intellectus fidei"*, sua elaboração científica e racional. Para MANZATTO a racionalidade e a cientificidade da teologia são, por isso, específicas: sem deixar de sê-lo, não se reduzem ao paradigma de *"ciência exata"*. Até porque os conteúdos da fé não são derivados de conclusões afirmadas por via de racionalidade⁵⁰.

5. TEOLOGIA COMO CIÊNCIA E OS ASPECTOS DA FÉ

Na defesa da teologia como ciência dentro das universidades, afirma que é importante levar em consideração aspectos da própria teologia como a fé, portanto ela é a primeira em relação à elaboração teológica, sendo assim é possível afirmar que:

⁴⁸ PLANTINGA, 2007.

⁴⁹ MANZATTO, Antônio. A Teologia na Universidade. Disponíveis em<<https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo/article/view/6749/4880> >. Acesso em 09-05-2017.

⁵⁰ MANZATTO, 2017.

Os elementos e afirmações básicos da fé cristã não são, conclusões de raciocínios ou silogismos, mas dados pela revelação. O Deus em quem se crê não se conhece por dedução lógica a partir de raciocínios, mas por sua própria revelação, que fundamenta a possibilidade de conhecê-lo. Em outras palavras, não é o homem que "descobre" Deus ou a ele chega, mas é ele quem vem em direção ao humano, revelando-se e possibilitando-lhe conhecê-lo. A aceitação dessa sua revelação fundamenta a possibilidade da elaboração teológica. A fé é, portanto, primeira em relação à elaboração teológica. Necessariamente, por exigência epistemológica, o teólogo é homem de fé; sem ela, pode ser um estudioso da religião, fazer estudo da evolução das práticas, conhecimentos e comportamentos religiosos, estudo dos ritos e suas diferentes significações segundo as culturas, estudo dos comportamentos humanos derivados das afirmações religiosas, elaboração de teorias e afirmações sobre as influências psicológicas dos comportamentos religiosos, estudo da evolução dos estudos bíblicos ou assemelhados, mas não fará teologia. Nela a fé é uma exigência. A fé funda, pois, a especificidade da racionalidade teológica, inclusive porque ela será o elemento a partir do qual todos os outros conhecimentos serão vistos e analisados pela teologia⁵¹.

A aceitação da fé como premissa para elaboração teológica é defendida por MANZATTO, pois a revelação deverá ser fundamenta na elaboração teológica. “A fé é, portanto, primeira em relação à elaboração teológica”. A fé faz parte da vida do teólogo e deve ser levada em consideração, pois o olhar teológico para qualquer situação da vida humana será pelas lentes da fé isso é teologia para o autor, que afirma ainda que: “por exigência epistemológica, o teólogo é homem de fé; sem ela, pode ser um estudioso da religião”⁵², mas não um teólogo. Então para se elaborar a defesa da teologia como ciência deve-se levar em consideração o aspecto da fé e não somente da racionalidade.

⁵¹ MANZATTO, 09-05-217.

⁵² MANZATTO, 09-05-217.

6. A IMPORTÂNCIA DA TEOLOGIA

Um segundo aspecto destaca sua importância como ciência para sociedade, seu aspecto prático. Para se fazer teologia sem descartar a fé é preciso pôr em prática essa teologia discutida nos círculos acadêmicos e ver seus desdobramentos na prática como TILLICH afirma, que para fazer teologia é preciso levar a sério a situação em que se está vivendo. O termo “situação” tem em TILLICH um sentido fundamental. Só se faz teologia a partir da situação. Ou seja, toda teologia é uma reflexão sobre a história do passado de presente e do futuro. Ao usar o método de correlação, TILLICH tenta unir mensagem e situação; tenta correlacionar as perguntas implícitas na situação com as respostas implícitas na mensagem. Ele relaciona perguntas e respostas, situação e mensagem, existência humana e manifestação divina⁵³.

Segundo ZABATIEIRO, a teologia é o movimento dos corpos cujos sentidos estão sintonizados aos sentidos de Deus, remetendo assim que a imagem do ser “pastoral” é “estar a serviço” do próximo⁵⁴. A teologia prática e disciplinar para atingir seu objetivo, ter relevância na sociedade deveria ser portadora de uma mensagem bíblica com uma prática pastoral modelo, respondendo de forma clara a todos os questionamentos e problemas do ser humano moderno, bem como sendo um pronto socorro as pessoas que dela assim precisarem. A própria Igreja, como comunidade peregrina de fé e portadora da teologia, deveria situar-se em um plano onde expõe a palavra vivia, fonte de toda inspiração teológica, tendo a mensagem, a resposta de Deus para os anseios da humanidade, oferecendo paz, cura e salvação através do Cristo ressurreto.

⁵³ TILLICH. Paul. *Teologia Sistemática*. Tradução de Getúlio Bertelli. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, 1984. p. 17.

⁵⁴ ZABATIEIRO, Júlio Paulo Tavares. *Para uma teologia pública*. 2. Ed. São Paulo, Fonte Editorial, Faculdade Unida, 2012, p.17.

CONCLUSÃO

Após todas as análises chega-se à um consenso que Descartes é o pai da ciência moderna e de fato sua morte foi prematura, pois seus métodos inacabados poderiam contribuir muito para o meio acadêmico. Ficou evidente que seu método científico tem influenciado pensadores até os dias atuais. Portanto ainda não se sabe se seu método foi o único responsável pelo afastamento da teologia do prestígio da ciência.

Não se identificou as causas definitivas do afastamento da teologia do prestígio da ciência, apenas se elencou possíveis causas, pois para se chegar a tal conclusão requer-se uma pesquisa mais ampla sobre o assunto. Quanto a teologia como ciência é possível afirmar que embora ela tenha caído em descrédito ela tem ganhado espaço no meio acadêmico atualmente, porém a mesma tem características próprias tais como, a fé e seu aspecto prático entre outros que foi impossível elencar neste texto por ser uma questão mais ampla, porém como tal deve ser respeitada como ciência.

Dicas para uma próxima pesquisa ou artigo: quem foram os discípulos de Descartes, uma análise deve ser feita para saber se eles seguiram seus métodos, como eles enxergavam a teologia, quais os aspectos próprios da teologia como ciência. As análises e contribuições para o meio acadêmico estão presentes em cada tópico do texto, com cada tópico procura-se elencar questões que precisam ser debatidas no meio acadêmico, abrindo assim um leque de possibilidades para trabalhos futuros, ficando aberto para uma série de sugestões.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Leila Marrach Basto de & SANTOS, Frederik Moreira dos. *Religião e Ciência: tensões, sincretismos e diálogos II* Revista Nures | Ano XIV | Número 34 | setembro-dezembro de 2016.

BECERRA, Luiza. René Descartes e o método científico!. Disponível em: <<http://parquedaciencia.blogspot.com.br/2013/03/rene-descartes-e-o-metodo-cientifico.html>>. Acesso em 09-05-2017.

BRANDT, Hermann. *Por que teologia “científica”?* Estudos Teológicos, v. 12, n. 2, p. 94, 1972.

DAMÁSIO, António R. *O Erro de Descartes: Emoção, Razão e o Cérebro Humano*. SP: São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

DESCARTES, René “*Penso, logo existo in:*” O livro da Filosofia. Tradução Rosemarie Ziegelmaier. São Paulo: Globo, 2011.

GALILEI, Galileu. *Ciência e fé*. Rio de Janeiro: Nova Stella Editorial, 1988.

HEIDI, Strecker, Especial para Página 3 Pedagogia & Comunicação. Disponível em:<<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/rene-descartes-1-o-metodo-cartesiano-e-a-revolucao-na-historia-dfilosofia.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em 09-05-2017.

MANZATTO, Antônio. *A Teologia na Universidade*. Disponíveis em<<https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo/article/view/6749/4880>>. Acesso em 09-05-2017.

MAXWELL. *Origem, história e descrédito - Maxwell - PUC-Rio*. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10064/10064_3.PDF>. Acesso em 09-05-2017.

MEDEIROS, Luciano de Frontino. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, João Pessoa, v. 2, n. 2, 2017.

OLIVEIRA, Paulo de Eduardo. *Filosofia e educação: aproximações e convergências*. Curitiba: Círculo de Estudos Bandeirantes, 2012.

PLANTINGA, Alvin. Religion and Science, Stanford Encyclopedia of Philosophy, 2007.

PETER, Kreeft & MELATTI, Gabriel. *Sócrates encontra Descartes*. São Paulo: Editora: Vide Editorial, 2014.

STRATHERN, Paul. *Descartes em 90 minutos, Filósofos em 90 minutos*. Rio de Janeiro Editora Jorge Zahar, 1996.

SINNER, Rudolf von. *Teologia como ciência*. Estudos Teológicos, v. 47, n. 2, p. 57-66, 2007.

TILLICH. Paul. *Teologia Sistemática*. Tradução de Getúlio Bertelli. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, 1984.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. *Para uma teologia pública*. 2. Ed. São Paulo, Fonte Editorial, Faculdade Unida, 2012.